



**Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser**

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)

[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## **TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR**

### **DECADÊNCIA DA FAMÍLIA?**

**Marcos Roberto Inhauser**

“Hoje em dia as pessoas se casam para ver se vai dar certo e não para dar certo”, “A família vai mal das pernas: veja o número de divórcios”, “A família está, mais do que nunca, sendo atacada de todos os lados”. Se você já não falou isto, certamente já as ouviu. Elas nos levam à pergunta: está a família em decadência? A resposta depende da ótica com a qual se analisa.

A primeira é que a família está em decadência. O nível de pessoas se separando ou divorciando, o de filhos rebeldes que se envolvem com a marginalidade e as drogas, os menores abandonados, mães solteiras, gravidez juvenil evidenciam esta realidade. Para os radicais, o casamento e a família estão em vias de extinção. Para os moderados, algo precisa ser feito urgentemente para salvá-los.

O primeiro entende que o casamento e a família são instituições ultrapassadas e não se ajustam à moderna realidade. O segundo, que há elementos estranhos que afetam o relacionamento conjugal e familiar e estabelecem a crise. Estes devem detectados e combatidos.

A comparação das famílias antigas e modernas traz dificuldades, pois a antiga não pode ser parâmetro de julgamento da moderna. É verdade que a antiga era mais estável que a moderna, tinha menos divórcios e separações, mais respeito pelos pais e menos rebeldia nos filhos. Esta visão é romântica. Se é verdade que a família parecia ser mais estável, deve-se aclarar que a estabilidade era fruto da ditadura vigente na família, onde pais (ou mães) eram autoridades supremas, evitando as tentativas de diálogo, de compreensão das ansiedades e sonhos dos filhos. Havia uma aparente estabilidade à custa de muito medo e autoritarismo.

Há que se mencionar o papel submisso da esposa, reforçado por uma teologia hierárquica. Ela era um ser de segunda categoria, que só servia para lavar, passar, cozinhar e cuidar dos filhos. Porque o marido era, via de regra, quem trazia o dinheiro, era também quem detinha o poder. Romper este círculo era ir contra o sistema que não dava chances de crescimento e independência à mulher. Separar-se do marido e ter vida própria era risco de sobrevivência e certeza de que seria “mal-falada”.

Além disto, a família era educada pelos pais, com a ajuda do sistema familiar. Os parentes viviam próximos um dos outros, as crianças brincavam com os primos e eram vigiados e educados pelo sistema familiar estendido. Isto dava uma certa homogeneidade e controle para aquilo que as crianças estavam aprendendo. Com isto, o sistema de poder paterno-maternal era preservado e pouca rebeldia podia aparecer, porque domesticado pelo sistema de vigilância da família estendida.

As coisas mudaram. A mulher ganhou espaços de liberdade, sua igualdade foi sendo reconhecida, sua voz sendo ouvida, o monólogo conjugal substituído pelo diálogo familiar. Ela saiu para exercer outros papéis fora do lar, trazendo parte do sustento familiar, o que lhe conferiu poder. Se antes a mulher era submissa e auxiliadora subalterna e secundária, hoje ela é cooperadora em nível de igualdade, alguém que está à altura do homem. O casamento e a família modernos são muito mais verdadeiros que o eram os do passado. Da submissão imposta passou-se à cooperação espontânea e consensual. Se é verdade que antigamente havia menos divórcios, também é verdade que muitos dos que viviam juntos no passado, estavam de fato divorciados. Não creio que o número de divórcios reais do passado fosse inferior ao número atual. A diferença é que hoje as pessoas têm a coragem de assumir que o relacionamento está deteriorado, fazendo-o de forma pública.